

Projeto de Vida

Divulgação: Valéria Arantes



Dr^a Valéria Arantes

Biografia:

Valéria Arantes é Professora Livre-Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e diretora do Núcleo de Pesquisas em Novas Arquiteturas Pedagógicas (NAP). Coordena quatro cursos de atualização oferecidos pela Universidade de São Paulo em parceria com o Instituto IUNGO. Doutou-se em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona - Espanha (2000) e graduou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1993). Foi professora-visitante na Harvard Graduate School of Education (EUA) em 2020, na Stanford University School of Education (EUA), e da Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha).

Entrevistadoras:

Lúcia Nascimento Andrade (SEEDF)

Simone Aparecida Alves (SEEDF)

Sibele Ferreira Coutinho Pompeu (SEEDF)

1. Doutora Valéria Arantes, ao longo de mais de uma década, sua trajetória vem tecendo uma significativa contribuição nas pesquisas sobre Projeto de Vida, com publicações de artigos, dissertações, teses e livros que permeiam atualmente as concepções e as discussões sobre o tema. Sua colaboração se estende à Formação de Professores, conforme ilustra a recente publicação sobre a Escola dos Sonhos, que traz os anseios e aspirações de educadores brasileiros para a melhoria da educação em nosso país. Como a Sra. tem observado o processo de formação de professores que atuam e pretendem atuar com o Projeto de Vida? Que competências e habilidades esses profissionais precisam desenvolver para atuar com essa Unidade Curricular presente no Novo Ensino Médio?

Valéria Arantes - Como você mencionou minha trajetória, vou tomar a liberdade de comentá-la brevemente, a fim de contextualizar e legitimar minhas considerações a respeito das questões apresentadas. Sempre trabalhei no campo da moralidade, buscando entender as complexas relações entre inteligência e afetividade no funcionamento psíquico. Aproximei-me do conceito de Projeto de Vida justamente por essa via. Em 2008, como professora visitante na Universidade de Stanford (Califórnia - EUA), acompanhei de perto o trabalho do professor William Damon – que, por sua vez, se aproximou do conceito de Projeto de Vida quando constatou, em suas pesquisas, a falta de “rumo” e de compromisso com papéis que definem a vida adulta, apresentada por muitos jovens americanos ao falarem sobre suas projeções futuras.

Em minha trajetória, tendo o trabalho de Damon como grande referência de minhas pesquisas sobre projetos de vida e considerando o mal-estar presente na carreira docente para boa parte daqueles que atuam nesse campo, era o momento de investigar os Projetos de Vida de professores, cujos resultados apresentamos no livro que vocês mencionam - “A escola dos sonhos: Desejos e Projetos de Vida dos educadores brasileiros” -, publicado recentemente pela Editora Summus. A maior relevância dessa obra talvez seja trazer para o debate sobre o desenvolvimento profissional docente e para as políticas públicas educativas os desejos, sonhos e projetos de vida daqueles que cuidam da educação de cerca de 80% das crianças e

adolescentes brasileiros: os professores de escolas públicas de todo o país. Nossa perspectiva é de que nenhuma política pública será eficiente e efetivamente implementada se não apoiar os docentes na construção de seus projetos de vida, levando em consideração os seus desejos, sonhos e necessidades. Apoiada pelo Instituto longo, este projeto nasceu com o objetivo claro de subsidiar políticas para a formação de professores no Brasil. Para tanto, ouvimos de forma espontânea 2.000 professores, oriundos proporcionalmente das cinco regiões geopolíticas brasileiras, entendendo ser esta uma condição para a construção de uma educação de excelência, pautada na responsabilidade e no engajamento de toda a comunidade escolar.

Dos diversos resultados oriundos dessa pesquisa, gostaria de destacar pelo menos dois que legitimam nossas reflexões sobre a formação de professores. Primeiro: 83% dos participantes têm a educação como central em seus projetos de vida, indicando satisfação, compromisso e, conseqüentemente, engajamento com a profissão. Em suas narrativas, eles expressam que pretendem seguir atuando como docentes, desenvolver-se profissionalmente, impactar estudantes e comunidade via educação, e buscam por mudanças que promovam a qualidade educativa. Segundo: 59% dos participantes desejam se desenvolver e crescer profissionalmente, certos de que tal formação reverberará em suas práticas educativas. De forma geral, esses docentes expressam um desejo por conhecimento, associado em muitos relatos à necessidade de um conteúdo ou ferramenta para uma melhor atuação em prol dos estudantes.

Pois bem, com esses números, voltemos ao tema proposto – formação de professores para o trabalho com Projeto de Vida. Em primeiro lugar, gostaria de pontuar que se o conceito Projeto de Vida faz jus à formação ética dos nossos alunos, as instituições escolares deveriam buscar caminhos para incorporá-lo na escola de forma integrada do currículo, como parte da cultura escolar. Para tanto, acreditamos que o professor deve ser o ponto de partida para a criação de projetos e políticas que visem à promoção de uma educação de qualidade. Com isso quero dizer que, tal como os dados da pesquisa nos apontam, se a maioria dos professores querem e desejam a profissão escolhida, ao mesmo tempo que buscam qualificação para o exercício de sua profissão, por que a educação pública brasileira não melhora? A lacuna para mim está justamente na falta de políticas mais humanizadas, adaptadas à realidade local e focadas no desenvolvimento profissional docente nas suas dimensões pessoal, social e profissional. Afinal, como seus projetos de vida se articulam com a sua vida pessoal, social e profissional? Qual apoio eles desejam e necessitam para que deem conta de seu ofício?

O trabalho com projetos de vida não se mede nos testes e avaliações, nem as competências e habilidades necessárias para o referido trabalho serão construídas com políticas públicas impositivas e desumanizadas no sentido de que se apresentam apenas em estatísticas. Para o desenvolvimento de um bom trabalho nesse campo, da construção de valores e de projetos de vida, o espaço para a reflexão do professor e o olhar para seu próprio projeto de vida torna-se imperativo.

Com isso, concluo defendendo que o caminho para que os educandos construam projetos de vida éticos não passa pela inclusão de uma disciplina específica sobre projetos de vida na grade curricular. É necessário muito mais do que isso. É

necessário que eles se relacionem com exemplos éticos, que vivenciem experiências de cuidado e afeto, que convivam em espaços acolhedores e de reflexão sobre suas atitudes e escolhas, sintam alegria e bem-estar em agir para o bem comum em suas experiências educacionais. Para tanto, apesar de todas as dificuldades a serem enfrentadas, a formação inicial e continuada dos educadores deve oferecer a estes profissionais estas mesmas vivências e experiências de autoconhecimento e reflexão sobre seus valores e projetos de vida, para que construam e reconstruam continuamente o sentido da profissão docente no amplo cenário de suas vidas, buscando a excelência e a ética em suas práticas pedagógicas. Um caminho que passa, também, por criar condições para que as propostas inovadoras construídas em consonância com os desejos, sonhos e necessidades docentes possam ser experienciadas na concretude das salas de aula locais, com tempo, espaço e apoio apropriados para que construam e adaptem as demandas sociais à realidade de seus estudantes e comunidades, co-construindo com eles a melhor forma de tornar a educação mais eficiente, prazerosa e feliz.

2. A Lei Federal nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, prevê a obrigatoriedade de adotar, nos currículos do Ensino Médio, um trabalho voltado para a construção do Projeto de Vida dos estudantes e para sua formação integral. Essa previsão norteou mudanças na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos Currículos construídos para a implementação do Novo Ensino Médio, principalmente na perspectiva da compreensão e desenvolvimento das juventudes. Diante desse cenário de profundas transformações envolvendo os contextos sociais, as profissões, a ética, os valores, a gestão socioemocional e os impactos tecnológicos do século XXI, como a Sra. avalia o nível de importância em desenvolver o Projeto de Vida na Educação Básica para gerar mudanças estruturantes no contexto social?

Valéria Arantes - Nas últimas duas décadas estudos empíricos sobre projetos de vida têm aumentado substancialmente, especialmente nos Estados Unidos, impulsionados pelo Movimento de Psicologia Positiva que emergiu nesse país no fim da década de 90, início dos anos 2000. Esses estudos têm indicado de forma bastante consistente que ter um projeto de vida aumenta significativamente o bem-estar físico, cognitivo e emocional das pessoas.

No Brasil, o interesse pelo tema dos projetos de vida é mais recente. Ele se intensificou após a publicação da Base Nacional Curricular Comum em 2017, que estabeleceu como umas das finalidades da educação no Ensino Médio “valorizar os papéis sociais desempenhados pelos jovens, para além de sua condição de estudante, e qualificar os processos de construção de sua(s) identidade(s) e de seu projeto de vida” (BRASIL, 2017, p. 465). Acredito que a aprovação da BNCC, apesar de todas as críticas (legítimas) que possamos ter, favorece uma articulação entre a política educacional e o cenário social mundial, visando a formação humana integral e a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. Se existe uma íntima relação entre Projeto de Vida e moralidade (já que projetar é escolher como se deseja viver), precisamos construir um modelo de educação que se comprometa com o processo de construção de projetos de vida de seus estudantes, oferecendo-lhes

oportunidades para refletirem e discutirem suas aspirações, motivações, interesses, necessidades, pensamentos, sentimentos etc., e como todos esses aspectos impactam o mundo e a sociedade. Para tanto, é preciso construir um novo modelo de educação, que favoreça a construção de projetos de vida pautados em valores coletivos e colaborativos.

Por fim e sem mais, considero extremamente importante fomentar o desenvolvimento e fortalecimento dos projetos de vida de nossos jovens, proporcionando-lhes uma busca estável por objetivos de longo prazo, afetando positivamente seu bem-estar e o bem-estar coletivo. Uma formação que permita-lhes ver sentido na sua trajetória e por ela se responsabilizarem, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, solidário e feliz.

3. A Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEE-DF) publicou, em 2022, o “Caderno Orientador – Unidade Curricular Projeto De Vida”, elaborado pelo Grupo de Trabalho (GT) responsável pela temática no Distrito Federal. Nele foram consideradas as três dimensões: pessoal, social e profissional e inserida outra “dimensão”, denominada de Organização, Planejamento e Acompanhamento (OPA). No que tange ao Projeto de Vida e suas dimensões, a Sra. poderia discorrer sobre os princípios que as norteiam e de que maneira elas impactam a vida dos professores, estudantes, comunidade e sociedade?

Valéria Arantes - Antes de discorrer sobre essas três dimensões – pessoal, social e profissional -, gostaria de considerar pelo menos três aspectos constituintes do Projeto de Vida trazidos pelo Prof. William Damon, que colaboram para sua compreensão. O primeiro aspecto está relacionado à estabilidade, tomada em contraposição à efemeridade. Trata-se de uma estabilidade ao longo de certo período, ainda que possa sofrer alterações e ajustes. O segundo aspecto diz respeito à ideia de o Projeto de Vida trazer objetivos de longo prazo para a vida do sujeito, delineando um rumo à sua existência e articulando várias metas concretas. Por fim, o terceiro aspecto vincula-se à ideia de o projeto ser organizador e motivador da vida da pessoa, especialmente no sentido de orientar suas decisões e de exigir seu compromisso por meio de atividades necessárias para sua realização. Esses três aspectos ilustram bem como, durante o período de formação, os Projetos de Vida podem ser orientadores dos estudantes na busca por um sentido de vida.

Posto isso, e consciente do quão difícil é compreender o processo de construção dos projetos de vida, no livro “Projetos de Vida: Fundamentos Psicológicos, Éticos e Práticas Educacionais”, trazemos uma primeira parte conceitual em que reiteramos a importância de se considerar as três dimensões do projeto de vida - pessoal, social e profissional - e isso tem um motivo muito relevante para nós. Ocorre que muitos documentos na área de educação têm focado, única e exclusivamente, nos projetos profissionais dos estudantes, vislumbrando sua opção profissional e colocação no mercado de trabalho. Mas essa dimensão não pode e não deve, em nossa opinião, ser a única a ser considerada e, menos ainda, ser dissociada de sua repercussão na vida pessoal e social dos indivíduos. Entre outras razões porque, do ponto de vista do funcionamento psíquico humano, não existe essa dissociação. Quando defendemos a formação integral, referimo-nos a uma formação que

contemple conjuntamente os aspectos cognitivos, afetivos, sociais, culturais e valorativos na organização e na construção de seus projetos de vida. Nesse sentido, não dá para imaginar a formação profissional separada da formação pessoal ou social. O sujeito é um todo coeso e, se estamos falando em algo que o move, é preciso admitir que o significado pessoal que ele atribui aos diferentes componentes de sua vida, bem como a centralidade que tais componentes psicológicos ocupam (ou não) na constituição de sua identidade, impactarão seu modo de viver pautado por valores e por padrões éticos. O professor Nilson Machado, também da Faculdade de Educação da USP, tem uma frase que me parece fantástica para ilustrar essa discussão: “O desejo é a antessala do projeto”. Sem desejo não há projeto. Dito de outra forma, numa leitura complexa do psiquismo humano, cumpre-nos defender que sentimentos e emoções exercem papel extremamente relevante no processo motivacional e estruturante dos projetos de vida pessoal, social e profissional, que são indissociáveis no psiquismo humano. Não existe razão alguma para se pensar que o foco na dimensão profissional seja mais importante para a formação dos nossos estudantes ou a melhor forma de se construir um projeto de vida com sentido ético. A superação do “vazio existencial”, ou seja, a busca pelo “sentido da vida” envolve a complexidade dos processos psíquicos, com suas diferentes dimensões.

Em trabalho orientado por nós (PARRA, 2018), quando analisamos as trajetórias de vida de cinco líderes de escolas reconhecidos socialmente por terem suas vidas dedicadas a projetos de transformação da realidade social, observamos que os projetos de vida éticos se constroem sobretudo a partir da experiência afetiva de bem-estar em ser cuidado, cuidar de si e do outro e da integração e ressignificação dos sentimentos de dever e de pesar vividos ao longo da vida pelas experiências de prazer e bem-estar. Somado a isso, identificamos nos projetos de vida desses educadores uma nítida e profunda integração entre as 3 dimensões de seus projetos de vida – pessoal, profissional e social -, apontando a importância de, no trabalho educativo, para além de entender o que constitui o projeto de vida para cada indivíduo, seja ele jovem, adulto ou criança, considerar sua repercussão e seu impacto na vida pessoal, social e profissional.

4. O Livro: “Projetos de vida: Fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais” (2020), com sua coautoria e mais dois renomados professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo, aborda as diversas modalidades de projetos vitais e dão exemplos práticos de como estes podem ser aplicados em sala de aula, sempre se baseando em pesquisas realizadas em escolas brasileiras, os quais corroboram com fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais na formação do professor para a mediação da construção de projetos de vida dos alunos. Neste contexto de pesquisas e estudos sobre o Projeto de Vida, o que a Sra. poderia nos contar de mais relevante sobre esse trabalho com os jovens brasileiros?

Valéria Arantes - Como mencionei na primeira pergunta, o trabalho do Prof. Damon sobre Projetos de Vida tem sua origem nos resultados de suas pesquisas com jovens americanos, quando se deparou com a falta de perspectiva de futuro por eles apresentada. Se pensarmos em nossa realidade, essa “falta

de rumo” e de compromisso, que trazem consigo a ideia de um “vazio existencial”, também é identificada nos jovens brasileiros e parece ser fonte de preocupação de muitos pais, educadores e profissionais da educação de modo geral. No senso comum, esses jovens encontram-se no que denominamos, no Brasil, “nem nem”: nem estudam e nem trabalham. E poderíamos acrescentar: nem sabem o que querem, nem apresentam desejos, nem aspirações, nem metas...

No livro mencionado, apresentamos o perfil do jovem brasileiro a partir de diversas pesquisas que realizamos entre os anos de 2009 e 2019, das quais participaram 560 jovens com idade entre 15 e 19 anos, oriundos das cinco regiões geopolíticas do Brasil. Essas pesquisas foram fundamentais não só para sintetizar a discussão sobre juventude no Brasil e o significado dos projetos de vida, tanto para compreender o momento atual dos jovens das várias regiões brasileiras, seus valores, desejos e perspectivas de vida futura, quanto para pensar em modelos educativos que reforcem a importância de ajudar os jovens a encontrar projetos de vida pautados em princípios de ética, democracia e cidadania e a busca da felicidade eudemônica.

Como análise geral e dados para reflexão, destacamos que os resultados mostram que cerca de 60% dos jovens brasileiros entrevistados têm projetos de vida frágeis – caracterizados pela falta de engajamento, fortes contradições entre as próprias respostas, idealização de uma vida “boa” e aceitação de que a vida é marcada por uma progressão “natural”, sem maiores expectativas -, ou idealizados – caracterizados por uma vida sem problemas e por sonhos que desejam realizar”, e que cerca de 50% deles não têm projetos de vida claramente referenciados no outro ou na sociedade. Esses resultados não deixam de ser alarmantes e demandam um trabalho consistente por parte das instituições escolares, voltado para apoiar os jovens na construção de projetos de vida éticos, significativos para eles e para as sociedades nas quais vivem.

Curioso perceber que, em estudos também realizados por nós (KLEIN & ARANTES, 2016), quando ouvimos 305 jovens brasileiros – de escolas públicas e privadas -, a respeito de suas representações sobre a contribuição que a escola, mais especificamente, de suas experiências escolares para a construção de seus projetos de vida, a grande maioria dos participantes atribuiu à escola um papel relevante: 81% deles afirmaram que a escola contribui para seus projetos de vida e apenas 19% deles afirmaram que não. Isso parece sinalizar, de um modo ou de outro, que a grande maioria dos estudantes estabelece uma relação positiva entre suas experiências escolares e suas projeções futuras. Esse reconhecimento se dá por diferentes vias: favorece a preparação para um “futuro melhor” (sem muita especificação), proporciona o convívio social, a compreensão do mundo, a luta por seus direitos, a responsabilidade, o trabalho em equipe, a resolução de problemas e a construção da cidadania. Vale destacar que 10% dos participantes dessa pesquisa referem-se aos conteúdos escolares como fundamentais para aprovação no vestibular. Ocorre que, lamentavelmente, somado aos significados positivos atribuídos à instituição escolar, as narrativas desses mesmos jovens situam a escola num lugar de “promessa” para um futuro incerto e desconhecido. A análise detalhada dessas narrativas nos permitiu identificar que, diante da impossibilidade de estabelecer relações e/ou vinculações entre o

cotidiano escolar e aquilo que vislumbram para a própria vida, a escola passa a ser concebida como uma instituição cuja função está focada no “vir a ser” dos discentes.

Com esses resultados postulamos que, apesar de o jovem brasileiro acreditar na instituição escolar como formadora, suas experiências escolares não reverberam na construção de seus projetos de vida. Isso aponta a necessidade de a escola ampliar as possibilidades e as vivências de seus estudantes. A preocupação maior da escola deve ser: que tipo de intervenção se deve fazer para fortalecer a construção de projetos de vida com sentido ético? Nesse processo, o trabalho com sentimentos é fundamental; tomar os afetos e sentimentos como objetos de conhecimento. Eis a dimensão do autoconhecimento e autocuidado que exige dos educadores a busca por caminhos que incorporem ao cotidiano escolar conteúdos relacionados à vida pessoal e à dimensão afetiva. Somado a isso, para favorecer a construção de projetos de vida éticos, a instituição escolar deve se constituir como um espaço para relações democráticas, pautadas na confiança, no respeito, na responsabilidade, na liberdade de expressão. Outro aspecto fundamental para se trabalhar os projetos de vida diz respeito à ideia de engajamento. Como engajar os alunos em projetos de vida com sentido ético? Esse engajamento é da ordem do desejo, mas situa-se também na dimensão da responsabilidade que o sujeito precisa ter com a sociedade. Como fazer? Apostamos na aprendizagem baseada em problemas e por projetos e outras metodologias ativas que coloquem o estudante como protagonista do processo de conhecimento. O projeto de vida, assim como o conhecimento de modo geral, requer um processo que é inevitavelmente pessoal e intransferível. Esses caminhos parecem-nos promissores para a construção de projetos pautados em valores coletivos, colaborativos e éticos.

5. Os autores Howard Gardner, Mihaly Csikszentmihalyi e William Damon trabalharam juntos no Stanford Center for Advanced Studies e criaram o The Good Project, que promove excelência, engajamento e ética na educação, no intuito de preparar estudantes para se tornarem bons profissionais e cidadãos éticos. Outro propósito é que esses estudantes sejam pessoas que possam contribuir para o bem-estar geral da sociedade, bem como na sua evolução de maneira igualitária. A partir dos preceitos do The Good Project, quais as principais orientações para se desenvolver um bom trabalho no Projeto de Vida, tendo em vista que os estudos de William Damon apontam que somente 20% dos jovens pesquisados costumam ter um projeto vital?

Valéria Arantes - A ética, o engajamento e a excelência são os princípios do projeto “The Good Project”, fundado em 1996 pelos pesquisadores acima citados, e que tem nas últimas décadas se dedicado a desenvolver pesquisas qualitativas e materiais práticos com o objetivo de trazer à sociedade reflexões mais profundas sobre o significado de “bom trabalho”, incluindo temas como colaboração eficaz, cidadania digital, participação cívica e dilemas éticos. Apesar de mais de 20 anos de existência, o significado do trabalho excelente, ético e que promove engajamento continua sendo investigado. Além de compreender o que significa o “bom trabalho” em nível individual e pessoal, o projeto procura também compreender como o bom trabalho

acontece em nível institucional, buscando investigar a dinâmica de interação entre as diferentes forças que definem e direcionam o que deve ser o “bom trabalho”.

Trazendo esses princípios para o campo da educação, compreendemos que para pensarmos caminhos para a formação plena dos nossos jovens e contribuirmos para sua formação profissional tecnicamente excelente, fundamentada em princípios éticos e pessoalmente significativo, é fundamental conhecermos suas concepções, valores e projetos de vida dentro do quadro de suas histórias de vida e da construção de suas identidades. Para que a gente se engaje em uma atividade profissional, é necessário que ela faça sentido para nós, que esteja de acordo com as nossas crenças, nossos valores e princípios. Daí as aproximações entre os conceitos de Projeto de Vida e o “Bom Trabalho”, já evidenciadas por alguns estudos como os de Boddy, Peterson e Rathman. Estudos recentes realizados por nós sobre projetos de vida de docentes sinalizam que possuir projetos de vida bem definidos aumenta a probabilidade

da realização de um trabalho excelente, ético e engajador. O engajamento parece conectar fortemente a dimensão profissional à pessoal, na medida em que um trabalho que gostamos é pessoalmente significativo, trazendo satisfação, realização e bem-estar ao trabalhador. Um princípio que contribui para que a profissão esteja integrada aos projetos de vida da pessoa. Isso porque, para além de um trabalho, a atuação profissional passa a se conectar com quem somos, o que gostamos e como desejamos e podemos contribuir para um mundo melhor.

Para tanto, é necessário repensarmos a formação básica, a fim de permitir aos alunos que reflitam sobre seus projetos de vida e sobre como suas escolhas profissionais se relacionam (ou não) com quem eles são, suas aptidões, seus sonhos e com o impacto que desejam causar no outro. Um compromisso, pois, de todos nós educadores, com a formação plena das futuras gerações, que pressupõe a integração das dimensões pessoal, profissional e social em seus projetos de vida, bem como uma atuação profissional baseada em princípios de excelência, ética e engajamento. ■